



# ENSAIOS GRÁFICOS

**Arquiteto Me. Antônio Luis Tebaldi Castellano, aluno de Toninho durante os anos de 1975 a 1980, estagiário de seu escritório de 1978 a 1980, amigo e autor da dissertação de mestrado “Antonio da Costa Santos: uma Arquitetura Moderna e Social em Campinas” (2009). Sobre seu contato com o Toninho, o arquiteto Tuco, como é chamado, relata:**

“Minha motivação em estudar a produção arquitetônica de Toninho foi a de inserir na historiografia da arquitetura brasileira a produção de um arquiteto campineiro que vem de uma trajetória incomum, uma vez que foi, em 2000, eleito prefeito de Campinas, uma das maiores cidades do estado de São Paulo. Toninho era um arquiteto que se apresentava como arquiteto e, por suas convicções e posturas, ajudou a elevar a atividade e o respeito para com a profissão. Toninho foi uma das pessoas mais educadas que conheci. Mantinha uma certa formalidade que tornava o ato de se relacionar com as pessoas algo especial e único. Fazia questão de dividir com as pessoas tudo o que estava fazendo, suas atividades e avanços, sempre de uma maneira contagiante e amigável. Discutir os assuntos de arquitetura com ele sempre foi prazeroso e um aprendizado. Tenho uma gratidão enorme por ter trabalhado e convivido com ele.”

O relato de Tuco traz à tona a sensibilidade de Toninho, tão presente nas relações pessoais que ecoava e permeava todos os outros campos da vida do arquiteto: o profissional, projetual, social e político, visto que as referências do arquiteto estavam muito enraizadas na vanguarda da arquitetura moderna e a importância que dava ao papel social da profissão. “Ele tinha prazer em projetar, dar solução espacial aos problemas de arquitetura, mas com o tempo migrou dos projetos residenciais, para clientes específicos, para projetos voltados para comunidades carentes das periferias de Campinas. Toninho deve ter percebido que o alcance de sua atuação junto a comunidades era muito mais abrangente e beneficiava um número maior de pessoas ávidas por moradia, além de ter mais contato com as forças que atuam na lógica urbana como interesses especulativos, o papel do poder público, o da igreja, entre outros. Ele deixou de fazer algo que gostava e tinha especial talento, para se dedicar a outro universo que o fascinou e que, de certa maneira, o tornou mais conhecido.”

Toninho ficou mais conhecido por sua atividade político-partidária, que o levou a prefeito de Campinas, no entanto, o arquiteto deixou exemplos de uma arquitetura de qualidade, explorou em cada projeto e obra, possibilidades técnicas e estéticas, tensionou os limites de seus conceitos e crenças traduzindo-os numa arquitetura que tem o sentido da pluralidade, mas com um objetivo, uma linha de pesquisa, essa foi sua relevância como manifestação cultural: a conduta política e ética diante da realidade histórica brasileira, inquietação que motivou sua atuação. Experimentou diferentes materiais e técnicas construtivas, explorou as relações da arquitetura com o contexto urbano, tratou cada projeto como um laboratório de reflexão e experimentação sobre a complexidade urbana.

Inconformado com a realidade histórica brasileira, experimentou alternativas de atuação profissional nessa realidade, explorou as possibilidades de participação dos trabalhadores do canteiro de obras.

Boa parte de sua obra foi produzida nos primeiros 8 ou 9 anos de formado. Arquitetura que nasceu madura, densa e justificável, coisa de suas metas. Mas essa análise minha é tão primária que não combina com a grandeza do pensamento do Toninho.”

# DAS SENSações

## AO SONHO

TEXTO:  
Bia Carvalho Costa Santos

FOTOGRAFIAS:  
Lela Leme  
Isabela Slywitch

### Memória.

Sem dúvida a palavra que a mim melhor descreve a Casa Grande e Tulha. Seja tangível ou intangível, todas as suas formas encontram-se contempladas neste espaço. Tive a oportunidade de passar ali parte da minha infância e, anos depois, estudar e seguir estudando incansavelmente a sua história.

Me encontro em dúvida de como escrever um pequeno relato em meio a uma

mistura de sentimentos pessoais e a imensidão de seu significado para a cidade. Após muita reflexão, minha decisão foi descrever as minhas sensações ao caminhar pela Casa Grande e Tulha.

Ao adentrar no espaço, saindo da caótica rua movimentada com prédios de mais de vinte andares imediatos ao bem, você se depara com **duas construções imponentes de taipa que transmitem, ao mesmo tempo, calma e surpresa.**

16



Figura 1 [Casa Grande e Tulha. Autor: Lela Leme (2023).]



Figura 2 [Casa Grande e Tulha. Autor: Isabela Slywitch (2023).]

Um verdadeiro respiro na cidade configurado através de diferentes extratos do tempo, reunidos em um mesmo local.

Do lado direito, a Tulha, construção de 1790-1795, com a **textura de suas antigas paredes** e os danos arbitrários de antigos proprietários aparentes. De frente, a Casa Grande, construída no auge da economia cafeeira, elevada do nível que o usuário adentra, com o **mosaico formado através do contraste das cores do revestimento** e o ritmo das grandes aberturas de vidros temperados.



Figura 3 [Casa Grande e Tulha. Autor: Isabela Slywitch (2023).]



Figura 4 [Casa Grande e Tulha. Autor: Lela Leme (2023).]

Próximo aos dois volumes, ainda na parte externa, dois elementos atraem meu olhar: a **piscina** e a **escada de concreto**. A água que reflete a Casa Grande e Tulha retoma o papel fundamental do **Córrego Proença** na história da sesmaria que ali existia. Já a escada, deixa nítida a **intervenção contemporânea** e, ao mesmo tempo, reestabelece a imagem figurada do **antigo alpendre de madeira** que ocupava essa mesma porção da casa.

18



Figura 5 [Casa Grande e Tulha. Autor: Lela Leme (2023).]

No interior das edificações, as sensações são tão intensas quanto por fora. Ao caminhar, cada espaço traz à tona uma história diferente. **Uma memória. Um som. Uma data.**

As paredes de taipa de mão que foram recompostas na Casa Grande recebem a marca dos dedos dos pedreiros que as levantaram,



Figura 6 [Casa Grande e Tulha. Autor: Bia Carvalho Costa Santos (2021).]

enquanto a cozinha contemporânea tem o concreto cravado com a história da família que a utilizaria.

20



Figura 7 [Casa Grande e Tulha. Autor: Bia Carvalho Costa Santos (2021).]

O caminhar por entre os espaços é acompanhado pelo som único emitido pelos passos que flutuam no piso de grelha metálica. Entre o minucioso espaço do piso e da parede de taipa, encontra-se a data da restauração: 13 de maio de 83.



Figura 8 [Casa Grande e Tulha. Autor: Lela Leme (2023).]

Duas construções.  
Diferentes patologias.



Figura 9 [Casa Grande e Tulha. Autor: Isabela Slywitch (2023).]



Figura 10 [Casa Grande e Tulha. Autor: Lela Leme (2023).]

Diversas soluções.  
Mesma sensibilidade.



Figura 11 [Casa Grande e Tulha. Autor: Lela Leme (2023).]



Figura 12 [Casa Grande e Tulha. Autor: Isabela Slywitch (2023).]

Apesar da pluralidade de elementos – diversos em seus materiais, cores e texturas – tudo encontra-se em harmonia. No final de cada percurso, penso que se em um primeiro momento meu olhar se perde em meio a tanta diversidade, logo em seguida é capaz de amarrar todos os extratos do tempo, conformando um texto arquitetônico, único, harmônico e complexo.



Figura 13 [Casa Grande e Tulha. Autor: Lela Leme (2023).]



Figura 14 [Casa Grande e Tulha. Autor: Lela Leme (2023).]



Figura 15 [Casa Grande e Tulha. Autor: Isabela Slywitch (2023).]

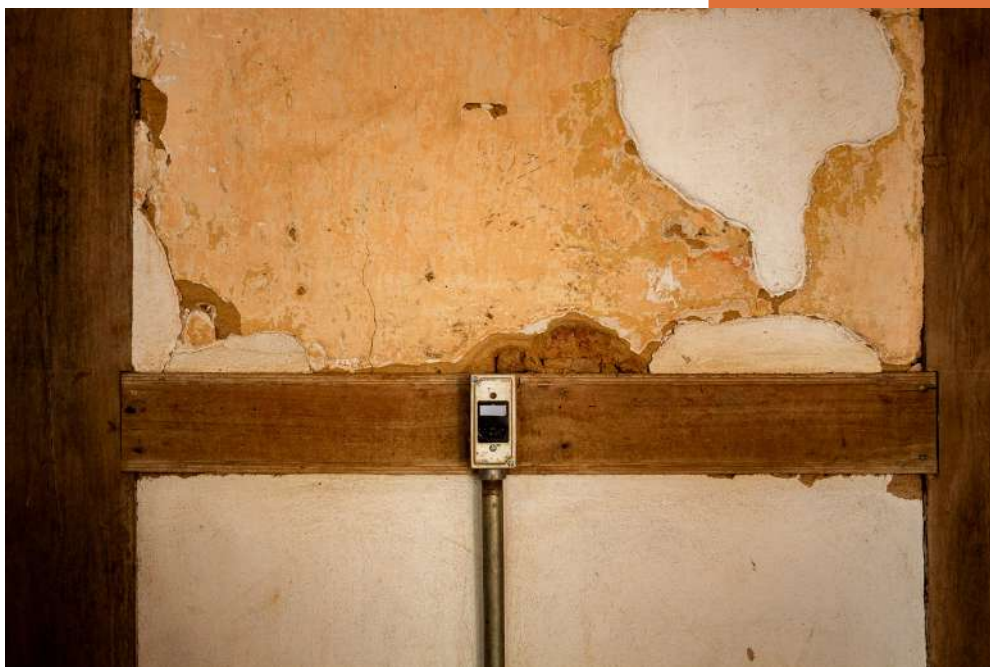


Figura 16 [Casa Grande e Tulha. Autor: Isabela Slywitch (2023).]

Na releitura deste texto, sempre uma nova descoberta. Cada visita é acompanhada pela sensibilidade de Antônio, que guia meu olhar em direção aos diferentes elementos, escalas, extratos e sensações.



Figura 17 [Casa Grande e Tulha. Autor: Isabela Slywitch (2023).]

Ali, sua presença se faz tão viva, parecendo dançar com a pipa hoje enquadrada.

Ali, o sonhar parece nunca ter tido fim.

# CRÍTICAS ÀS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

AUTORES:

Stefanno Immer

Maria Eduarda Lopes Adami

Trabalho Final Desenvolvido para a Disciplina de  
Teoria da Arquitetura

## Memorial Descritivo

Com o intuito de enfatizar algumas das principais críticas às cidades contemporâneas, foram elaboradas colagens que empregam imagens para abordar de forma direta os problemas urbanos, criando assim uma antítese marcante em relação às múltiplas camadas urbanas.

A equipe optou por desenvolver uma identidade única presente em todas as obras da série. Para isso, foram utilizadas figuras tradicionais dos anos 50-60 dos Estados Unidos, que contrastam completamente com o tema abordado.



Figura 1 – Poluição Visual e Industrial  
Crítica à poluição nas metrópoles e suas ramificações, revelando a hipocrisia das grandes indústrias.



Figura 2 – Arquitetura Monótona e Sem Identidade  
Crítica à padronização arquitetônica, globalização e busca pelo lucro em edifícios anônimos.

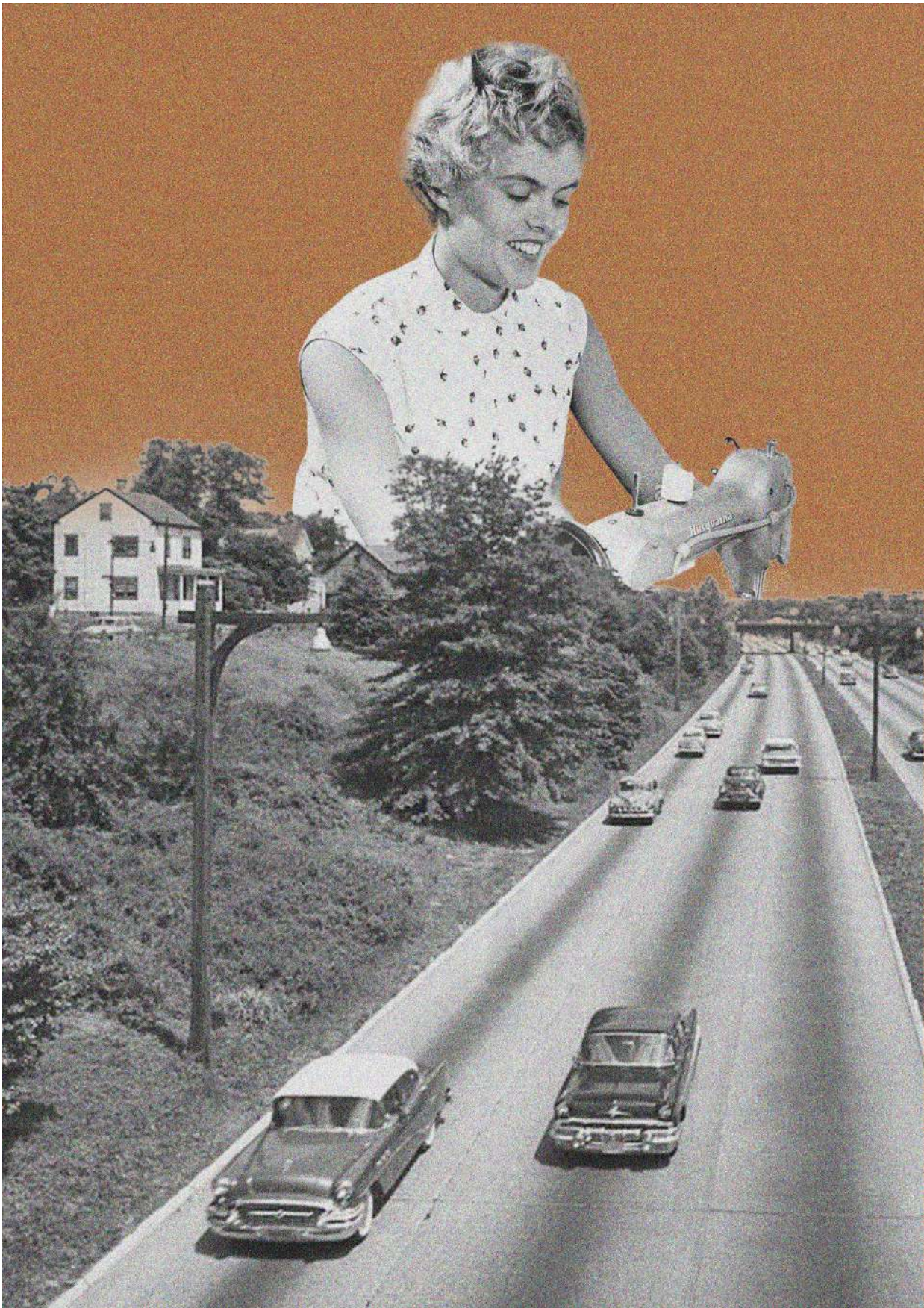


Figura 3 – Dependência do Automóvel  
Crítica ao planejamento das cidades que levam em consideração exclusivamente o uso do automóvel unifamiliar.

Figura 4 – Desigualdade Urbana & Expansão Descontrolada

Crítica à desigualdade urbana e à expansão descontrolada. A desigualdade socioeconômica e espacial é uma preocupação constante nas cidades, evidenciada pela segregação de bairros e pela falta de acesso equitativo a serviços e recursos.



# CANTEIRO, ARQUITETURA E MEMÓRIA

AUTORA:  
Beatriz Girardi

## Memorial Descritivo

Um ensaio sobre a memória em um espaço esquecido.

Presenciar o **canteiro de obras** no início da vida adulta fez com que uma curiosidade se despertasse dentro de mim. Uma inquietação para desvendar cada detalhe e surpresa que aquele lugar guardava e que, para minha surpresa, era tão esquecido.

Somente na arquitetura nos é ensinado que o canteiro é um lugar de criação, mas com pouquíssima frequência são mencionadas as pessoas que lá estão. E, claro que a realidade reproduz a poesia acadêmica que gera **arquitetos sem memória**, esquecendo-se daqueles que dão vida aos seus desenhos.

O ensaio não contém relatos explícitos daqueles que fizeram a obra acontecer, mas contém a impressão digital de cada gota de suor nas farpas de madeira: e, isso sim, **carrega memória**.









# ENTRETEMPOS

## CAPIXABAS

AUTOR:  
Grigor Pugliesi Bittencourt

### Memorial Descritivo

Ensaio fotográfico realizado na cidade de Vitória e Vila Velha, no estado do Espírito Santo. Viagem feita para estudo aproximado da cidade, de como a vida funciona por lá, por ser o tema do meu TFG.

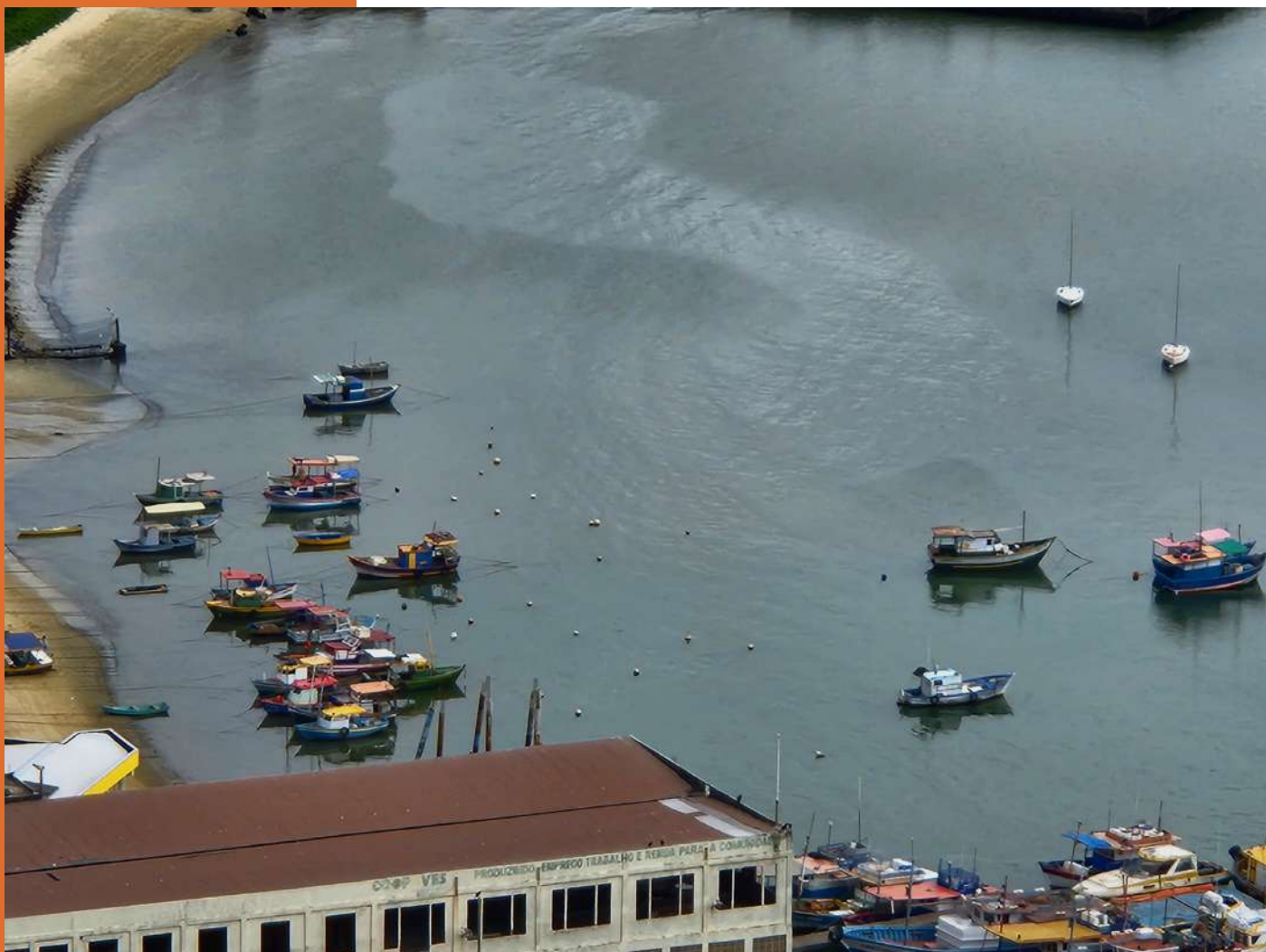
Entretempos Capixabas, ensaio que toma como prumo encaixar em nossa (mas também na minha) percepção, como a capital do **Espírito Santo** se mostra em seus momentos. Entre trechos, sequências, cenários e tempos. Os registros, mesmo que como recortes fracionados de uma região tão intensa, mostram o que as cidades trouxeram para mim como **memória que permanece**. Dos tempos que para mim ficam para sempre, mas para **Vitória e Vila Velha** são entre eles que a vida continua.

Uma forma também de homenagem a esse ano tão expressivo da minha graduação. Fazer TFG em Vitória e Vila Velha é, entre todos os tempos, o melhor que tenho vivido, agradeço ao meu grupo e ao meu orientador Cláudio Manetti.

34



Figura 1: Memória. Maio de 2023. Fotografia autoral.



35

Figura 2: Permeio. Maio de 2023. Fotografia autoral.

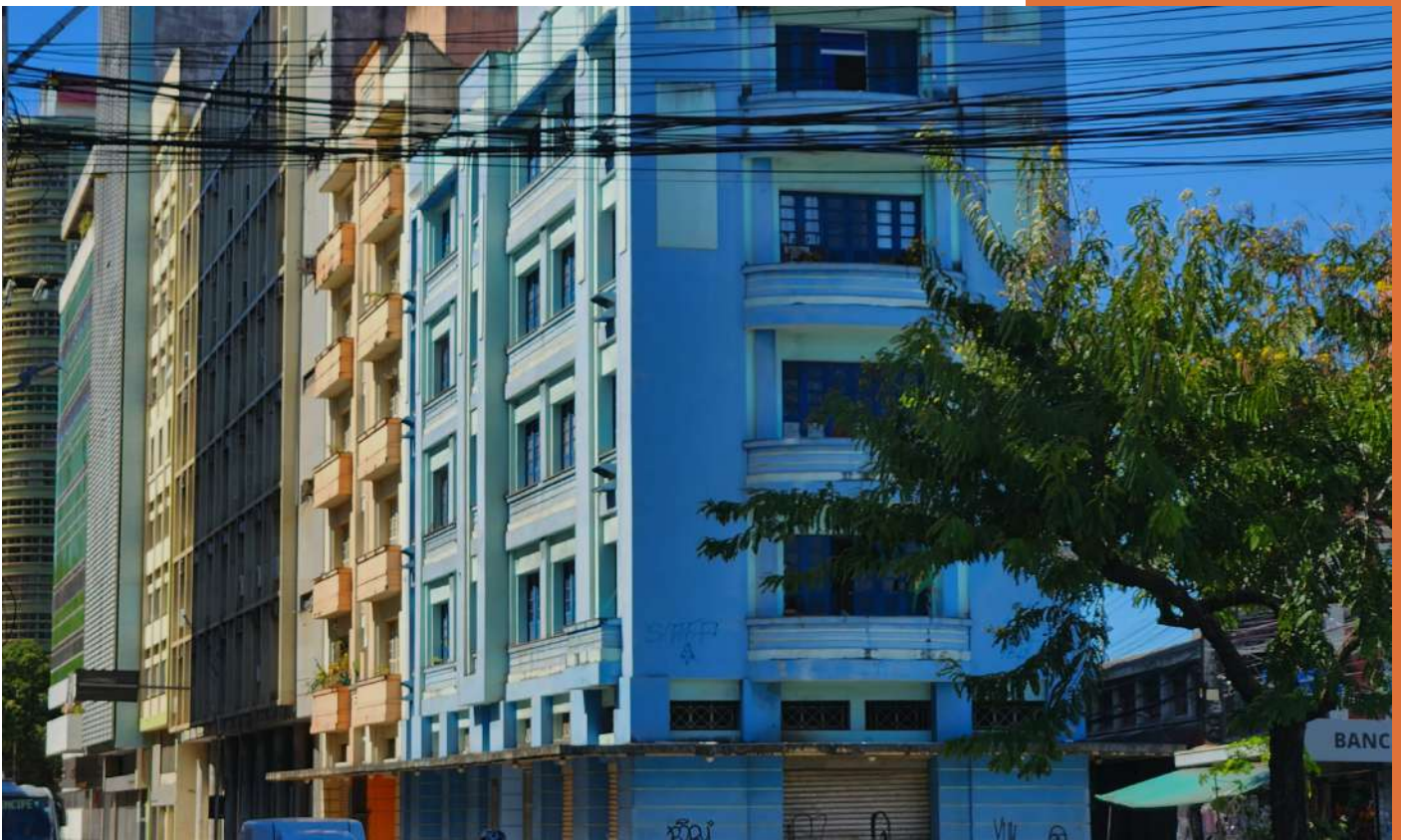


Figura 3: Passagem. Maio de 2023. Fotografia autoral.

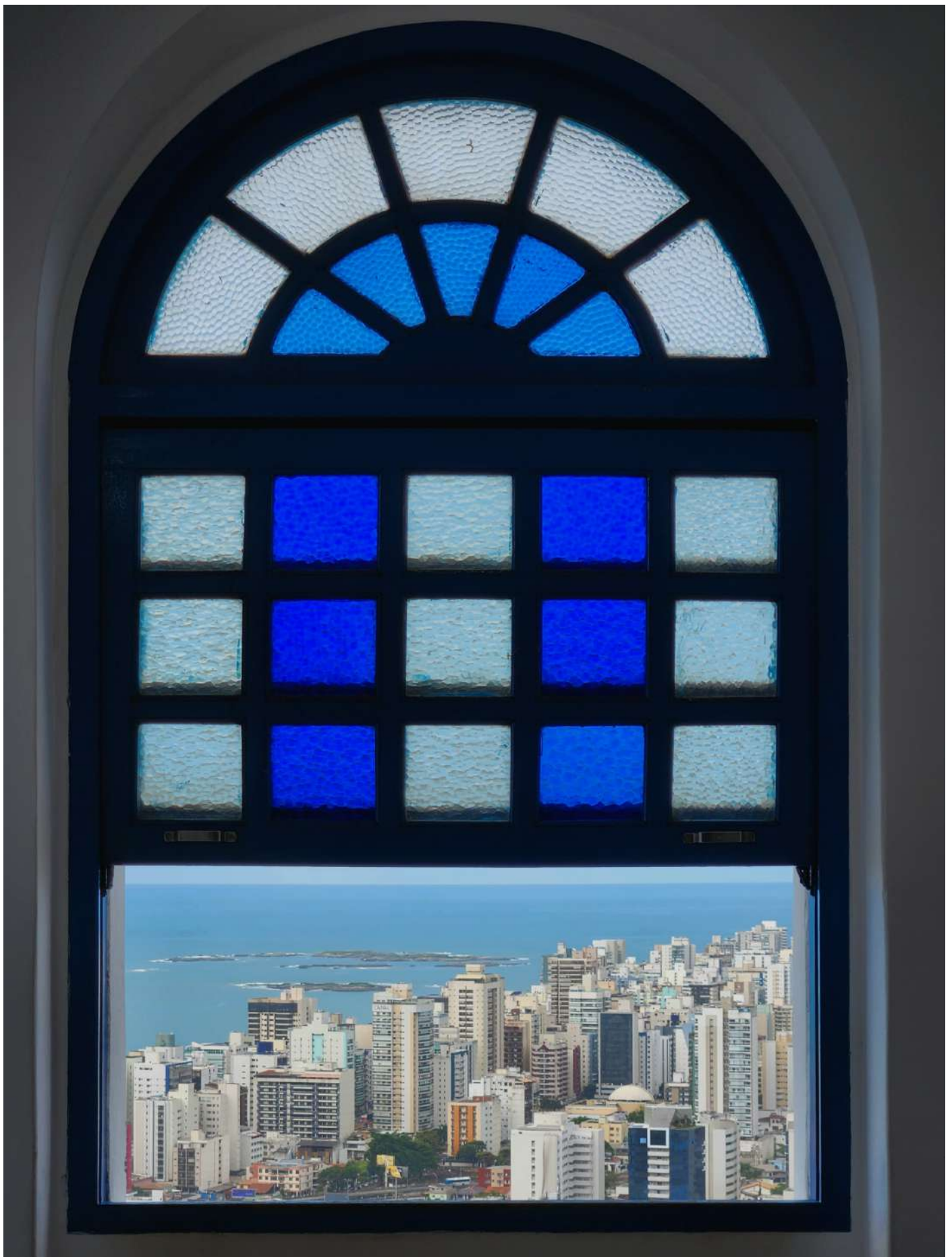


Figura 4: Retrato. Maio de 2023. Fotografia autoral.

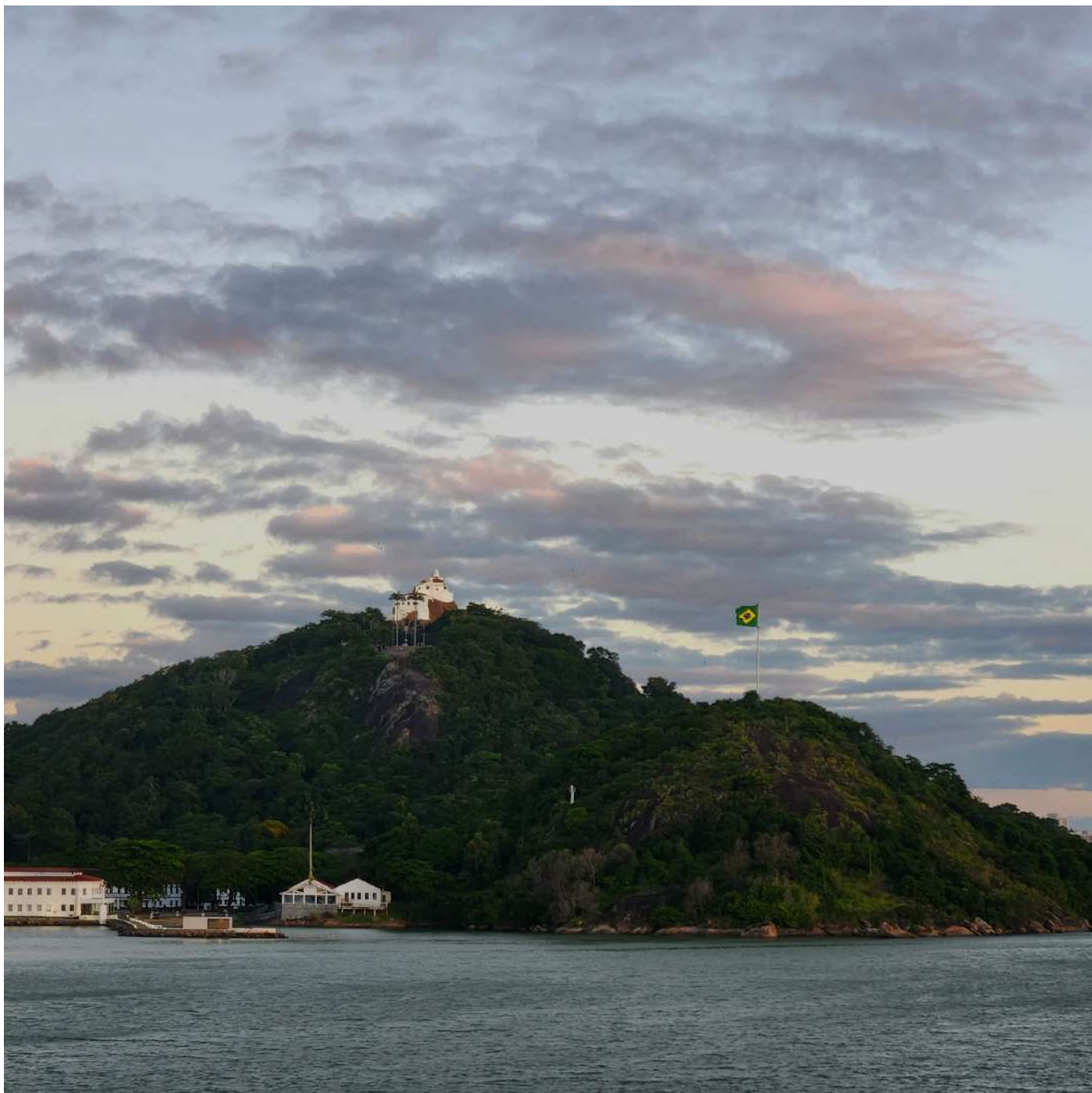


Figura 5: Eco. Maio de 2023. Fotografia autoral.

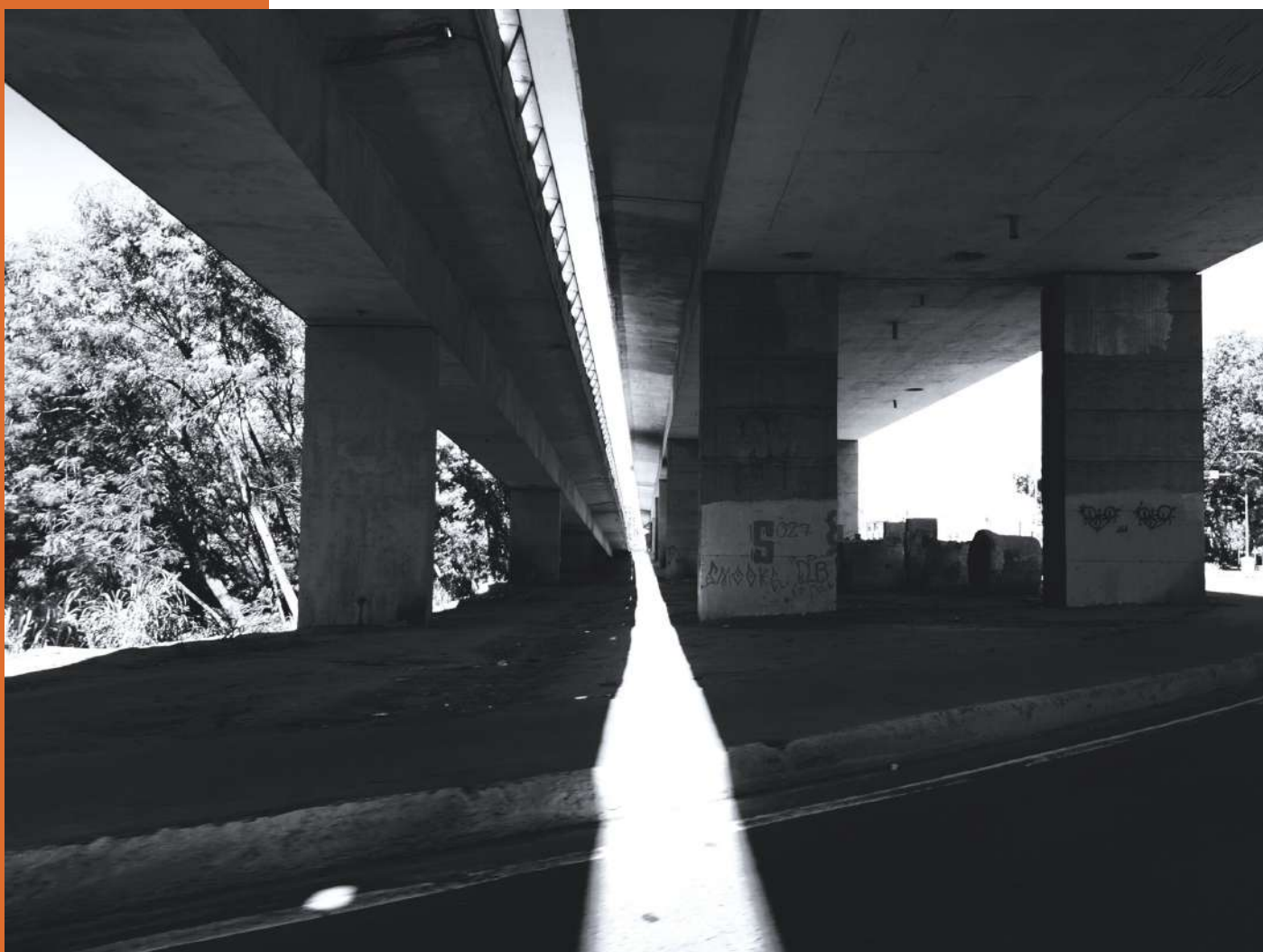


Figura 6: Costura. Maio de 2023. Fotografia autoral.

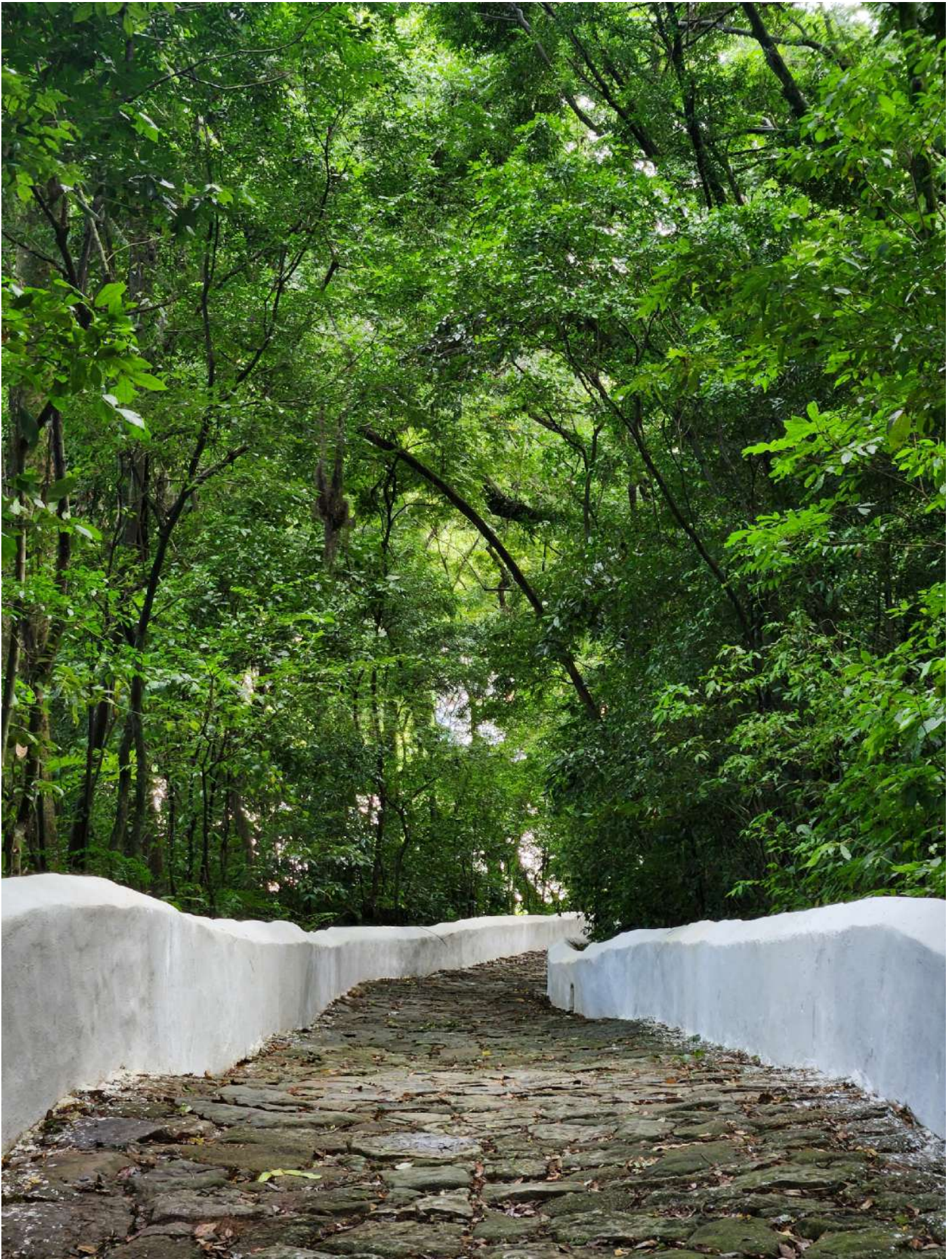


Figura 7: Contato. Maio de 2023. Fotografia autoral.



Figura 8: Reminiscência. Maio de 2023. Fotografia autoral.

# SESC POMPEIA:

AUTOR:  
Gustavo Piccinin Tebom

## O PERFEITO EQUILÍBRIO ENTRE A REQUALIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO E O BRUTALISMO BRASILEIRO

A obra busca, através da fotografia, evidenciar a existência, os **contrastos e a harmonia** dos antigos galpões de tijolos com os edifícios modernos e brutalistas, feitos em concreto, de **Lina Bo Bardi**.



Figura 1: Textura do concreto. Gustavo Piccinin Tebom (2023). Acervo particular.

## Memorial Descritivo

Experimenta-se no Sesc Pompeia o contraste entre a antiga estrutura, que outrora abrigou uma fábrica de tambores e cuja **materialidade** se apresenta por meio da alvenaria de tijolos e da cobertura conformada pelas tesouras, ripas e caibros de madeira que sustentam as telhas de cerâmica, com as **concepções modernistas** propostas por Lina Bo Bardi, que se apropria das revoluções técnicas proporcionadas pelo **concreto armado** para requalificar

o espaço, convertendo-o em uma área de lazer, esporte e cultura. As intervenções iniciam-se dentro dos galpões até atingir seu ápice na **brutalista estrutura** composta por três grandes volumes executados em concreto, esse sempre aparente, que se impõe sobre a paisagem, ao passo que respeita o curso natural do Córrego da Água Preta, sob o qual se projetam quatro lances de passarelas, que se abrem em variadas formas de "v".

O projeto revela, portanto, a genialidade da arquiteta que o concebeu, a possibilidade quase infindável de requalificação dos espaços e das estruturas e a primazia do brutalismo brasileiro, capaz de apresentar ao mundo um de seus edifícios mais icônicos, tal qual estas fotografias fazem questão de exaltar.



Figura 2: Passarelas. Gustavo Piccinin Tebom (2023). Acervo particular.



Figura 3: Torres e passarelas. Gustavo Piccinin Tebom (2023). Acervo particular.



Figura 4: Torre de acesso. Gustavo Piccinin Tebom (2023). Acervo particular.



Figura 5: Aberturas. Gustavo Piccinin Tebom (2023). Acervo particular.



Figura 6: Lustre. Gustavo Piccinin Tebom (2023). Acervo particular.



Figura 7: Luz e sombra. Gustavo Piccinin Tebom (2023). Acervo particular.



Figura 8: Área de leitura. Gustavo Piccinin Tebom (2023). Acervo particular.